

## ORGANIZAÇÃO, PREPARO E EMPREGO DO 1º ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DA 1ª DIVISÃO DE INFANTARIA EXPEDICIONÁRIA NA CAMPANHA DA ITÁLIA

ELONIR JOSÉ SAVIAN<sup>1</sup>

### RESUMO

*A historiografia relativa à Força Expedicionária Brasileira (FEB) é bastante ampla e diversificada. Todavia, pouco ainda se escreveu sobre a atuação do 1º Esquadrão de Reconhecimento, única tropa brasileira da Arma de Cavalaria a participar dos combates na Itália. Em face disso, o presente estudo visa analisar a organização, o preparo e o emprego dessa aguerrida Subunidade, que tão bem representou o Brasil no maior conflito mundial.*

*Palavras-chave: FEB. 2ª Guerra Mundial. Cavalaria.*

### ABSTRACT

*Historiography on the Brazilian Expeditionary Force (FEB) is quite broad and diversified. However, little has been written about the performance of the 1st Reconnaissance Squadron, the only Brazilian troop of the Cavalry Weapon to participate in the fighting in Italy. Therefore, the present study aims at analyzing the organization, preparation and employment of this fierce Subunit, which so well represented Brazil in the world's largest conflict.*

*Keywords: FEB. 2nd World War. Cavalry.*

## 1 INTRODUÇÃO

Na II Guerra Mundial, por questões sobejamente conhecidas, o Brasil declara-se em estado de beligerância contra a Alemanha e a Itália (22 de agosto de 1942). Pouco menos de um ano antes, tendo em vista a efetiva participação brasileira nos combates, foi criada a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária – 1ª DIE (09 de agosto de 1943).

Comandada pelo General João Baptista Mascarenhas de Moraes, a 1ª DIE seguia organização semelhante à de suas congêneres dos Estados Unidos, País que incentivou e respaldou a participação brasileira no conflito. Seus principais elementos de combate eram a Infantaria Divisionária (formada pelo 1º, 6º e 11º Regimentos de Infantaria); a Artilharia Divisionária; o 9º Batalhão de Engenharia e o **1º Esquadrão de Reconhecimento** (tropa da Arma de Cavalaria)<sup>2</sup>.

O presente estudo visa analisar a organização, preparo e emprego do 1º Esquadrão de Reconhecimento. As fontes básicas da pesquisa são relatos de ex-combatentes, obras bibliográficas e documentos relativos à 1ª DIE.

O trabalho compreende duas partes principais: a primeira versa sobre a organização e o preparo do 1º Esquadrão de Reconhecimento; a segunda aborda o emprego dessa Subunidade nos campos de batalha da Itália.

Há de se destacar, antecipadamente, que as primeiras operações militares da II Guerra Mundial demonstravam a necessidade de os exércitos serem constituídos majoritariamente por unidades motomecanizadas. Todavia, nesse período, o Exército Brasileiro (EB) ainda dava os primeiros passos, o que se constituía em um primeiro e importante obstáculo a ser superado

pelos “cavalarianos” do 1º Esquadrão de Reconhecimento, pois teriam de se adaptar à doutrina militar estadunidense, que privilegiava o uso de veículos motomecanizados em detrimento do cavalo.

## 2 DESENVOLVIMENTO

### 2.1 Organização e Preparo do 1º Esquadrão de Reconhecimento

O 1º Esquadrão de Reconhecimento teve como base o 3º Esquadrão de Reconhecimento e Descoberta do 2º Regimento Motomecanizado, unidade criada em 1943, sediada na cidade do Rio de Janeiro. Seu primeiro comandante foi o Capitão Flávio Franco Ferreira, que acabou substituído, em dezembro de 1944, pelo 1º Tenente Plínio Pitaluga por motivo de doença.

Da mesma forma que outras unidades e subunidades da 1ª DIE, o Esquadrão foi **equipado e combateu de acordo com os preceitos da doutrina estadunidense**.<sup>3</sup> Era constituído por três Pelotões de Reconhecimento, um Pelotão de Comando, um Pelotão de Administração<sup>4</sup> e outras frações. O efetivo previsto era de 7 oficiais e 149 praças (comandantes de fração, atiradores, motoristas, radio-operadores, mecânicos, entre outros). A dotação de armamento prevista era de 100 carabinas .30”, 26 fuzis .30”, 31 metralhadoras .30”, 3 metralhadoras .50”, 9 morteiros de 60 mm, 30 metralhadoras de mão .45”, 13 canhões de 37 mm, 41 lança-granadas e 5 lança-rojões 2.36”. Em relação às viaturas, previa-se contar com 24 viaturas de ¼ toneladas, 1 viatura de 2½ toneladas, 5 viaturas ½ lagartas e 13 blindados leves sobre rodas M8.<sup>5</sup>

Não obstante, por questões logísticas, teve seu efetivo aumentado para 180 homens<sup>6</sup> e em vez de 13 viaturas blindadas M8 recebe 15 (2 dessas não foram utilizadas por estarem avariadas).<sup>7</sup>

As viaturas blindadas M8 constituíam-se no principal trunfo do Esquadrão. Tinham como pontos fortes a alta mobilidade em rodovias, a baixa silhueta, o elevado poder de fogo contra tropas de infantaria e outros carros blindados leves e grande alcance operacional (rodovia: 320 a 560 km – fora de estrada: 100 a 492 km). Como desvantagem tinham a baixa mobilidade fora de estrada a blindagem fina, que os deixava vulneráveis frente a minas e armas anticarro, e a dificuldade de manobrar em áreas pouco espaçosas.<sup>8</sup>

Em terras brasileiras, a preparação do Esquadrão não foi adequada. Pitaluga assim a descreve:

Com a criação da 1ª D.I.E., em fins de 1943, o 2º Regimento Moto-Mecanizado, então sediado na Capital Federal, recebeu ordens para preparar um de seus Esquadrões para participar da Campanha da Itália. Foi designado o 3º Esquadrão de Reconhecimento e Descoberta. Somente em 4 de fevereiro de 1944 foi dada autonomia administrativa à nova Unidade que passou a ocupar um pavilhão de madeira ao lado do picadeiro da Escola das Armas, ficando entretanto subordinado ao 2º Regimento Moto-Mecanizado quanto à alimentação. Embora não dispendo de todo o material orgânico foi iniciada a instrução, visando inicialmente ao preparo moral e cívico. Em fevereiro e março de 1944, foram distribuídas 5 viaturas blindadas de reconhecimento e viaturas de rolamento misto [meia-lagartas], facilitando assim a formação dos motoristas. O seletamento [sic] dos homens não foi completo, não se levando em conta a especialização da Unidade. Isso prejudicou seriamente a formação dos motoristas, principalmente pela falta de reservas.<sup>9</sup>

Prossegue Pitaluga:

A 9 de fevereiro de 1944, o 1º Esquadrão de Reconhecimento foi incorporado à 1ª D.I.E. e a 11, deslocou-se para a região de Barra de Guaratiba onde realizou o 1º acampamento, visando principalmente o melhoramento do estado físico. Um oficial do Exército Americano, da reserva, foi designado para permanecer adido ao Esquadrão, orientando o emprego e manutenção do material de origem americana. Com a mudança da Unidade para os pavilhões do Capistrano, muito embora sem o conforto necessário, a alimentação foi melhorada, procurando se adaptar ao regime americano. A instrução de tiro foi intensificada e as medidas burocráticas de declaração de herdeiros e fichas de desconto foram ultimadas. O Esquadrão participou do desfile do dia 24 de maio e realizou um exercício de emprego de Pelotão como demonstração ao Exmo. Snr. Cmt. da 1ª D.I.E. Quando do embarque do 1º Escalão, o Esquadrão menos o 2º Pelotão, deslocou-se para o Retiro dos Bandeirantes onde esteve durante 4 dias, realizando principalmente exercícios de tiro de canhão, a.a. [armas automáticas] e morteiro 81mm.<sup>10</sup>

O Esquadrão seguiu para a Itália de forma descentralizada. O 2º Pelotão deslocou-se com o 1º escalão da 1ª DIE, em 02 de julho de 1944. O restante embarcou com o 2º escalão, em 22 de setembro do mesmo ano.<sup>11</sup>

Ao chegarem na Itália, tanto os integrantes do 1º como do 2º escalão receberam material estadunidense (armamentos, viaturas, etc.) e continuaram o treinamento. Também se buscou fortalecer o moral da tropa e o seu preparo físico. Ainda foram realizadas inspeções de saúde e o devido tratamento odontológico.<sup>12</sup>

Da mesma forma que no Brasil, essas atividades não se desenvolveram satisfatoriamente, como atesta Mascarenhas de Moraes: “em meio a essa balbúrdia e esse

ambiente de atropelo, a instrução se desenvolveu com imperfeições, cujas repercussões se fizeram sentir nos embates iniciais de algumas unidades da FEB”.<sup>13</sup>

A missão do Esquadrão, de acordo com a doutrina estadunidense então adotada, seria a de realizar reconhecimentos, valendo-se de infiltrações, do fogo e de manobras. No entanto, poderia realizar outros tipos de operações em proveito da Divisão de Infantaria que o enquadrava.<sup>14</sup>

## 2.2 Emprego do 1º Esquadrão de Reconhecimento

A atuação em combate do 1º Esquadrão de Reconhecimento, bem como da 1ª DIE, pode ser dividida em duas fases. A primeira desenrola-se entre 15 de setembro de 1944 e 20 de abril de 1945, quando tropas brasileiras buscavam sobrepular as linhas defensivas alemãs posicionadas nos Apeninos (Gótica e Gengis Khan), o que resultou em batalhas como as de Monte Castello e Montese. A segunda deu-se entre 21 de abril e 02 de maio de 1945, após a ruptura da Linha Gengis Khan, quando forças brasileiras perseguiram tropas alemãs ao longo dos vales dos rios Panaro e Pó, o que redundou na captura da 148ª Divisão de Infantaria.

Nessas fases, as ações do Esquadrão tomaram feições distintas, como esclarece Pitaluga:

Da chegada à Itália até abril de 1945, ele foi empregado como tropa de Infantaria, isto é, foi, praticamente, transformado numa Companhia de Fuzileiros. Não havia espaços – naquela defensiva, no inverno – para que ele pudesse atuar nas suas missões típicas de reconhecimento e retomada do contato. [...] a partir de Montese – foi quando o Esquadrão passou

a atuar conforme suas características, nas operações de Aproveitamento do Êxito e Perseguição.<sup>15</sup>

Deveras, na primeira fase o Esquadrão teve sua mobilidade restrita pelo terreno montanhoso onde se assentavam as linhas defensivas inimigas, que também bloqueavam rodovias e estradas vicinais. Já na segunda fase, a atuação do Esquadrão deu-se em terrenos planos ou pouco acidentados, que facilitaram o trânsito de suas viaturas em meio ao caos em que se encontravam as tropas remanescentes alemãs depois da queda da linha Gengis Khan.

Conforme já visto, o Esquadrão deslocou-se em duas levadas para a Itália. Na primeira embarcou somente o 2º Pelotão, que, em consequência, foi empregado antes dos demais.

O 2º Pelotão teve seu batismo de fogo no vale do rio Serchio, em 16 de setembro de 1944, quando reforçou o 1º Batalhão do 6º Regimento de Infantaria em uma marcha na direção Filitole - Monte Ghilardona, com o objetivo de atingir uma linha balizada pelas localidades de Massarosa – Bozzano – Monte Communale – Il Monte – C. Castello.<sup>16</sup> O objetivo fora atingido e as operações prosseguiram no referido vale até 30 de outubro de 1944, com resultados expressivos, como destaca Mascarenhas de Moraes: “[...] *quarenta quilômetros de progressão; 208 prisioneiros capturados; 290 baixas (...); várias localidades libertadas; e a captura de uma fábrica de munições e acessórios de aviões (Fornaci)*”.<sup>17</sup> Em razão do bom desempenho no vale do Serchio, as forças brasileiras foram deslocadas, entre 4 e 9 de novembro, para o vale do Reno. Nas semanas seguintes, o 6º Regimento de Infantaria, o Esquadrão de Reconhecimento e também tropas estadunidenses,

momentaneamente passadas ao comando de Mascarenhas de Moraes, substituíram forças da 1ª Divisão Blindada estadunidense em um setor que se estendia do rio Reno, a leste, até a linha Porretta Terme – Monte Belvedere, a oeste.

Nessa região, a 1ª DIE, em novembro e dezembro, sofreu quatro reveses quando buscava conquistar Monte Castello. O Esquadrão teve atuação mais destacada no terceiro ataque, em 29 de novembro, quando atuou como força de cobertura em proteção do flanco direito do Grupamento de Ataque.<sup>18</sup>

Devido ao fracasso conjunto das tropas aliadas em romper as linhas de defesa alemãs, iniciava-se, na segunda quinzena de dezembro de 1944, o período conhecido como “Defensiva de Inverno”. Caberia à 1ª DIE, então, manter suas posições e preparar-se para nova investida, que se deveria dar quando o tempo assim o permitisse. O esquadrão atuou nessa fase como uma companhia de fuzileiros, conforme já destacou Pitaluga.

Em fevereiro de 1945, as operações foram retomadas e Monte Castello terminou conquistado. Tratava-se de uma operação preliminar à “Ofensiva da Primavera”, a ser desencadeada em abril por todas as tropas aliadas. No ataque a Monte Castello, coube ao Esquadrão ficar em reserva, em Porretta Terme, *“de modo a ser impulsionado quer ao longo da estrada nº 64 quer na de Silla-Gaggio Montano”*.<sup>19</sup>

Depois da conquista de Monte Castello deu-se a tomada de Montese, em 14 de abril de 1945, já no contexto da “Ofensiva da Primavera”. Nessa ação, novamente o Esquadrão fica em reserva, na região de Tamburini, devendo ficar em condições de aproveitar o êxito sobre Bertochi e Ranocchio, ou sobre Montespечchio.<sup>20</sup> Acaba

sendo empregado para consolidar a conquista de Montese.

Em 20 de abril, concretizava-se o rompimento da linha Gengis Khan e, no dia 23, as tropas aliadas já haviam conquistado Bolonha e atingido o rio Pó. As tropas alemãs remanescentes buscavam retrair para o vale do rio Pó, tendo em vista depois tentarem se retirar da Itália, em direção à Alemanha, pelos passos alpinos. Nesses dias, partindo de Montese, onde foram substituídas pelo 371º Regimento de Infantaria estadunidense, tropas da 1ª DIE “limparam” a margem oriental do rio Panaro e ocuparam Zocca e Vignola. O Esquadrão realizou, então, missões de reconhecimento, perseguição, vigilância e ligação.

Para Mascarenhas de Moraes, a conquista de Vignola foi um marco e uma encruzilhada no curso das operações da 1ª DIE, pois assinalava: “[...] o término de nosso aproveitamento do êxito, cuja duração se limitou a quatro dias e do qual resultou a conquista de todo o médio Panaro [...]. A jornada seguinte marcaria o princípio da perseguição”.<sup>21</sup>

Tal perseguição, executada por boa parte das tropas aliadas, desenrolou-se entre 24 de abril e 2 de maio. Foi caracterizada por um rápido e profundo avanço de colunas aliadas pelo Norte da Itália, em meio às colapsadas forças alemãs. O objetivo principal das tropas aliadas era controlar importantes centros de comunicações, de onde poderiam bloquear, cercar e aprisionar tropas inimigas que buscassem se retirar para os Alpes. Nessa última investida, a missão da 1ª DIE estava em proteger o flanco esquerdo do grosso das tropas do 4º Corpo de Exército

estadunidense que atravessariam o rio Pó em perseguição ao inimigo, na direção de Verona e Milão. O eixo de progressão brasileiro seria Modena – Placência – Alessandria.

Durante as operações, no dia 26 abril, em Collecchio, o Esquadrão deparou-se com forças contrárias muito superiores às suas. Em seu reforço, foram deslocadas frações do 6º e do 11º Regimentos de Infantaria e a localidade foi cercada. Inicia-se um combate que resultou na rendição dos alemães.

Relatos de prisioneiros indicavam que a 148ª Divisão de Infantaria vinha da região de La Spezia - Viareggio, em direção a Fornovo di Taro – Collecchio – Parma, para juntar-se ao 75º Corpo de Exército Alemão, no vale do Pó. Em razão disso, o Comando brasileiro planejou uma manobra convergente sobre a região de Fornovo di Taro, com a finalidade de destruir ou levar à rendição as tropas adversárias.

Coube ao 6º Regimento de Infantaria realizar o cerco aos alemães, apoiado por um pelotão blindado estadunidense, pelo 1º Esquadrão de Reconhecimento, e por frações de artilharia e engenharia. O Esquadrão deslocou-se para a região de Felegara, fechando o cerco que resultou na rendição inimiga em 29 de abril.

Durante essas ações, na entrada de Felegara, um veículo M8 foi atingido por um disparo de lança-rojão. A guarnição conseguiu abandonar, sem maiores problemas, o veículo que pegava fogo.

Após essa ação, tropas da 1ª DIE, dentre estas o Esquadrão, prosseguiram em direção a Alessandria e Piacenza. Ocupadas essas localidades, coube ao Esquadrão controlar a região de S. Giugliano.<sup>22</sup>

Finda a guerra, e com a missão exemplarmente cumprida, os integrantes do Esquadrão embarcam nos navios General Meigs e Pedro I (06 e 12 de julho de 1945), que os trazem de volta ao Brasil.<sup>23</sup>

### 3 CONCLUSÃO

O presente artigo teve como objetivo analisar a organização, o preparo e o emprego do 1º Esquadrão de Reconhecimento, subunidade da Arma de Cavalaria da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária.

Observou-se que a organização e o preparo do Esquadrão não foram satisfatórios (seleção de pessoal inadequada, falta de equipamentos, instrução deficiente, outros.). Isso fez com que a tropa iniciasse os combates sem estar devidamente adestrada.

Notou-se que o Esquadrão atuou praticamente como se fosse uma companhia de infantaria até que as principais linhas defensivas alemãs fossem sobrepujadas. Após o rompimento da linha Gengis Khan, iniciadas as fases de aproveitamento do êxito e perseguição, constata-se que o Esquadrão finalmente pôde realizar suas típicas missões de cavalaria.

Mascarenhas de Moraes reconhece o importante papel desempenhado pelo Esquadrão nos embates:

Entre seus mais assinalados feitos, sobressaem a intervenção oportuna e ousada no aproveitamento do bom êxito do baluarte de Montese às margens do Panaro e o combate de Marano Sul Panaro, onde confirmou as tradições ofensivas da Cavalaria brasileira, e que foi o remate vitorioso de uma retomada de contato através de campos minados e armadilhas; finalmente, refulge a sua atuação magnífica e ousada, como tropa de perseguição, segurando,

a despeito de flagrante inferioridade de meios, a vanguarda inimiga em Collecchio, desfechando golpes de sonda na região de Fornovo, cooperando, sem dúvida, para a rendição espetacular de Collecchio-Fornovo, o mais sensacional feito d'armas da Força Expedicionária Brasileira.<sup>24</sup>

Ao longo das operações, quatro integrantes do Esquadrão acabaram perdendo a vida: 2º tenente Amaro Felicíssimo da Silveira (20 de novembro de 1944 – região de Montilloco), 2º sargento Pedro Krinski (24 de setembro de 1944, região de Camaiore), cabo Benedito Alves (17 de novembro de 1944, região de Casa Franco) e soldado Bernadino da Silva (22 de abril de 1945, região de Granali).

O Esquadrão atualmente está sediado em Valença, RJ, e é denominado 1º Esquadrão de Cavalaria Leve (Aeromóvel) – “Esquadrão Tenente Amaro”. Encontram-se subordinado à 12ª Brigada de Infantaria Leve (Aeromóvel). Em suas instalações encontra-se o Museu Capitão Pitaluga, que possui rico acervo da Força Expedicionária Brasileira.

## REFERÊNCIAS

BASTOS, Expedito Carlos Sthefani. **Blindados no Brasil**: um longo e árduo aprendizado. Bauru: Taller, 2011.

BRANCO, Manoel Thomaz Castello. **O Brasil na II Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1960.

BRAYNER, Floriano de Lima. **A verdade sobre a FEB**: memórias de um chefe de estado-maior na campanha da Itália (1943-1945). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

MORAES, J. B. Mascarenhas de. **A F.E.B. pelo seu comandante**. 2. ed. Rio de Janeiro: EGGCF, 1960.

\_\_\_\_\_. **A FEB pelo seu comandante**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2005.

PITALUGA, Plínio. Relatório do Esquadrão de Reconhecimento da FEB na Itália. Disponível em: <[http://grandesguerras.com.br/relatos/text01.php?art\\_id=29](http://grandesguerras.com.br/relatos/text01.php?art_id=29)>. Acesso em: 07 nov. 2016.

\_\_\_\_\_. In: **HISTÓRIA Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial**. Tomo 1. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2001.

SAVIAN, Elonir José. **“Haverá sempre uma Cavalaria”**: tradição e modernização no processo de evolução tecnológica do Exército Brasileiro (1937-1973). Resende: Edição do Autor/Clube de Autores, 2014.

\_\_\_\_\_. **Dos Apeninos aos Alpes**: a Força Expedicionária Brasileira e o XV Grupo de Exércitos na Campanha da Itália. Resende: Edição do Autor/Clube de Autores, 2016.

USA. War Department. **Field Manual FM 2-30**: Cavalry Reconnaissance Squadron Mechanized. United States Printing Office, Washington, 1944.

\_\_\_\_\_. **Table of Organization and Equipment No. 2-27**: Cavalry Reconnaissance Troop, Mechanized. Washington, 1943.

\_\_\_\_\_. **Technical Manual TM 9-743**: Light Armored Car M8. Publications Department, Raritan Arsenal: Washington, 1943.

ZALOGA, J. Steven. **M8 Greyhound Light Armored Car**: 1941-1991. Oxford: Osprey Publishing/New Vanguard, 2002.

<sup>1</sup>O Major QCO Savian é Professor da Cadeira de História Militar da AMAN; Especialista em História Militar e Mestre em História Social.

<sup>2</sup>O 1º Esquadrão de Reconhecimento estava enquadrado na “Tropa Especial”, da qual faziam parte também a Cia do Quartel-General, a Cia de Comando, a Cia de Manutenção, a Cia de Intendência, a Cia de Transmissões, o Pelotão de Polícia Militar, o Destacamento de Saúde e a Banda de Música.

<sup>3</sup>A doutrina dos esquadrões de reconhecimento estadunidense pode ser consultada no seguinte manual de campanha: USA. War Department. **Field Manual FM 2-30**: Cavalry Reconnaissance Squadron Mechanized. United States Printing Office, Washington, 1944.

ORGANIZAÇÃO, PREPARO E EMPREGO DO 1º ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO DA 1ª DIVISÃO DE INFANTARIA EXPEDICIONÁRIA NA CAMPANHA DA ITÁLIA

<sup>4</sup>PITALUGA, Plínio. In: **HISTÓRIA Oral do Exército na Segunda Guerra Mundial**. Tomo 1. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2001. p. 147.

<sup>5</sup>BRANCO, Manoel Thomaz Castello. **O Brasil na II Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1960. Anexo localizado entre as páginas 128 e 129.

<sup>6</sup>PITALUGA, 2001, p. 147.

<sup>7</sup>BASTOS, Expedito Carlos Sthefani. **Blindados no Brasil: um longo e árduo aprendizado**. Bauru: Taller, 2011. p. 110.

<sup>8</sup>USA. War Department. **Technical Manual TM 9-743: Light Armored Car M8**. Publications Department – Raritan Arsenal: Washington, 1943.

<sup>9</sup>PITALUGA, Plínio. Relatório do Esquadrão de Reconhecimento da FEB na Itália. Disponível em: <[http://grandesguerras.com.br/relatos/text01.php?art\\_id=29](http://grandesguerras.com.br/relatos/text01.php?art_id=29)>. Acesso em: 07 nov. 2016.

<sup>10</sup>Ibid.

<sup>11</sup>BRANCO, 1960, p. 167.

<sup>12</sup>PITALUGA, Plínio. Relatório do Esquadrão de Reconhecimento da FEB na Itália. Disponível em: <[http://grandesguerras.com.br/relatos/text01.php?art\\_id=29](http://grandesguerras.com.br/relatos/text01.php?art_id=29)>. Acesso em: 07 nov. 2016.

<sup>13</sup>MORAES, J. B. Mascarenhas de. **A FEB pelo seu comandante**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2005. p. 56.

<sup>14</sup>USA. War Department. **Field Manual FM 2-30: Cavalry Reconnaissance Squadron Mechanized**. United States Printing Office, Washington, 1944. p. 20.

<sup>15</sup>PITALUGA, 2001, p. 147.

<sup>16</sup>BRAYNER, Floriano de Lima. **A verdade sôbre a FEB: memórias de um chefe de estado-maior na campanha da Itália (1943-1945)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p. 160.

<sup>17</sup>MORAES, J. B. Mascarenhas de. **A F.E.B. pelo seu comandante**. 2. ed. Rio de Janeiro: EGGCF, 1960. p. 42.

<sup>18</sup>SAVIAN, Elonir José. **Dos Apeninos aos Alpes: a Força Expedicionária Brasileira e o XV Grupo de**

<sup>19</sup>BRANCO, 1960, p. 361.

<sup>20</sup>Ibid., p. 410.

<sup>21</sup>MORAES, 1960, p. 217.

<sup>22</sup>PITALUGA, Plínio. Relatório do Esquadrão de Reconhecimento da FEB na Itália. Disponível em: <[http://grandesguerras.com.br/relatos/text01.php?art\\_id=29](http://grandesguerras.com.br/relatos/text01.php?art_id=29)>. Acesso em: 07 nov. 2016.

<sup>23</sup>BRANCO, 1960, p. 498.

<sup>24</sup>MORAES, 2005, p. 308.